# DESENHO, FALA E PENSAMENTO: INTERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NA INFÂNCIA

PATRÍCIA REGINA VASSALLO GAMBINI

RESUMO
Este artigo tem como objetivo analisar as interações entre desenho, fala e pensamento no processo de construção de significados na infância, compreendendo o desenho infantil como uma linguagem que se articula à linguagem verbal e ao desenvolvimento cognitivo da criança. Parte-se do pressuposto de que o ato de desenhar não ocorre de forma isolada, mas é constantemente mediado pela fala, pela imaginação e pela intenção comunicativa, constituindo um campo privilegiado de elaboração simbólica. A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica, fundamentada em estudos de Silva, Iavelberg, Pillar, Lima e Camargo, Greig e Derdyk. A metodologia baseia-se na análise interpretativa de produções teóricas que discutem a relação entre grafismo infantil, linguagem verbal e pensamento. Os resultados indicam que a fala organiza o desenho e, simultaneamente, o desenho reorganiza a fala, favorecendo a antecipação, a nomeação e a ressignificação das produções gráficas infantis. Conclui-se que reconhecer essa interação é fundamental para a prática pedagógica na Educação Infantil, pois amplia a escuta da criança e valoriza o desenho como instrumento de expressão, comunicação e construção do pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Infantil; Linguagem Verbal; Pensamento Infantil; Significação; Educação Infantil.

ABSTRACT
This article aims to analyze the interactions between drawing, speech, and thought in the process of meaning-making during childhood, understanding children's drawing as a language that articulates with verbal language and cognitive development. It is based on the premise that the act of drawing does not occur in isolation but is constantly mediated by speech, imagination, and communicative intent, constituting a privileged field for symbolic elaboration. The research is qualitative in nature, employing a bibliographic approach grounded in the studies of Silva, Iavelberg, Pillar, Lima and Camargo, Greig, and Derdyk. The methodology is based on the interpretive analysis of theoretical works that discuss the relationship between children's drawings, verbal language, and thought. The results indicate that speech organizes drawing while, simultaneously, drawing reorganizes speech, favoring the anticipation, naming, and re-signification of children's graphic productions. It is concluded that recognizing this interaction is fundamental for pedagogical practice in Early Childhood Education, as it broadens the "listening" of the child and values drawing as an instrument of expression, communication, and the construction of thought.

KEY-WORDS: Children's Drawing; Verbal Language; Children's Thinking; Signification; Early Childhood Education.

## INTRODUÇÃO

O desenho infantil constitui uma das principais formas de expressão da criança, manifestando-se desde os primeiros anos de vida como meio de registrar experiências, ideias e percepções sobre o mundo. No contexto da Educação Infantil, o desenho é frequentemente compreendido como atividade artística ou recreativa, muitas vezes desvinculada de processos cognitivos e linguísticos essenciais.

Pesquisas na área da educação e da psicologia do desenvolvimento evidenciam que o desenho infantil transcende o plano visual e motor, articulando-se de forma íntima à linguagem verbal e ao pensamento. Ao desenhar, a criança mobiliza estratégias cognitivas, planeja ações e atribui significados às marcas que produz, estabelecendo relações entre experiência, gesto e representação simbólica.

A fala acompanha de maneira recorrente o ato de desenhar, manifestando-se em comentários espontâneos, narrativas, explicações e nomeações de elementos gráficos. Essa interação evidencia que o desenho funciona como espaço privilegiado de elaboração simbólica, no qual o pensamento se organiza e os significados são construídos e ressignificados.

Apesar disso, na prática pedagógica, essa interdependência entre desenho, fala e pensamento nem sempre é valorizada. Muitas vezes, o foco recai apenas sobre o produto final, desconsiderando os enunciados verbais que acompanham a produção gráfica e que são essenciais para compreender o significado atribuído pela criança.
Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar as interações entre desenho, fala e pensamento na infância, discutindo como essas linguagens se articulam na construção de significados e suas implicações para práticas pedagógicas na Educação Infantil, enfatizando a necessidade de uma escuta sensível e integradora.

## METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica, voltado à análise teórica das relações entre desenho infantil, linguagem verbal e pensamento. Tal abordagem possibilita compreender os processos simbólicos, cognitivos e afetivos envolvidos na produção gráfica da criança.
O levantamento bibliográfico envolveu obras e artigos científicos que tratam do desenho infantil como linguagem, do papel da fala na organização do grafismo e da função do desenho na construção do pensamento. Foram selecionados autores reconhecidos no campo, incluindo Silva, Iavelberg, Pillar, Lima e Camargo, Greig e Derdyk, cujas contribuições oferecem bases teóricas sólidas para o tema.
Os critérios de seleção consideraram a relevância acadêmica das obras, sua contribuição para o entendimento do desenho como sistema de significação e a recorrência em pesquisas sobre Educação Infantil e desenvolvimento infantil. Essa seleção garantiu consistência metodológica e diversidade de perspectivas.
A análise dos dados foi interpretativa, buscando identificar convergências e complementaridades teóricas acerca da relação entre desenho, fala e pensamento, bem como implicações pedagógicas. Os conteúdos foram organizados em eixos temáticos que estruturam os capítulos do desenvolvimento.
Essa metodologia permitiu refletir criticamente sobre o desenho infantil como linguagem integrada, articulada à fala e ao pensamento, evidenciando sua função de instrumento de construção de significados, de expressão e de mediação pedagógica.

## O DESENHO INFANTIL COMO ESPAÇO DE ELABORAÇÃO DO PENSAMENTO

O desenho infantil não se restringe à reprodução do real, mas constitui espaço de elaboração do pensamento. Ao desenhar, a criança organiza ideias, seleciona elementos significativos e estabelece relações entre experiências vividas e imagens produzidas.
Pillar (1996) compreende o desenho como sistema de representação por meio do qual a criança interpreta o mundo, construindo significados a partir de suas estruturas mentais. O desenho, portanto, não é mera reprodução, mas expressão do entendimento que a criança constrói sobre a realidade.
Essa perspectiva evidencia que o pensamento infantil se manifesta graficamente de forma autônoma, não subordinada aos padrões adultos de representação. Cada traço expressa hipóteses, percepções e estratégias próprias de compreensão do mundo.
Derdyk (1989) argumenta que desenhar constitui ato de conhecimento, no qual a criança se apropria do objeto representado, mobilizando percepção, memória e imaginação.
O desenho é, assim, veículo de pensamento complexo, integrando cognição e simbolização.
Portanto, o desenho configura-se como campo privilegiado de construção do pensamento infantil, no qual ação, percepção e reflexão se articulam, permitindo que a criança interprete, ressignifique e organize suas experiências.

## A FALA COMO ORGANIZADORA DO DESENHO INFANTIL

A linguagem verbal desempenha papel central na organização do desenho, orientando a ação gráfica e o planejamento das produções. Crianças frequentemente verbalizam suas intenções antes ou durante o ato de desenhar, antecipando e estruturando o que pretendem representar.
Silva (2002) observa que, ao dizer "vou desenhar um carro", a criança cria uma representação mental que guia o gesto

gráfico, estruturando pensamento, atenção e ação. A fala organiza o processo e confere sentido às marcas produzidas.
A verbalização possibilita também a revisão e reformulação da produção, permitindo à criança avaliar escolhas, antecipar resultados e ajustar estratégias.
O desenho, portanto, funciona como processo dinâmico, mediado pela linguagem.
Além disso, a fala facilita a interpretação do educador sobre as intenções da criança, tornando possível compreender significados que não se manifestam visualmente. O diálogo torna-se, assim, instrumento de mediação essencial.
Consequentemente, a fala atua como mecanismo organizador, articulando pensamento, gesto e significado, fortalecendo a compreensão da produção gráfica como expressão intencional.

## O DESENHO ORGANIZANDO A FALA E A NARRATIVA INFANTIL

A interação entre desenho e fala é bidirecional: enquanto a fala organiza o desenho, o desenho estimula a fala, promovendo a construção de narrativas e significados. Ao observar suas próprias produções, a criança nomeia formas, cria histórias e atribui sentidos aos traços.
Silva (2002) destaca que o grafismo infantil sugere objetos e situações, provocando a criança a verbalizar interpretações e expandir sua linguagem. O desenho torna-se ponto de partida para a expressão oral e para o desenvolvimento da narrativa.
Lima e Camargo (2021) afirmam que o desenho funciona como fonte de escuta ativa, permitindo que a criança explique e articule seus pensamentos, ampliando a compreensão do adulto sobre o significado atribuído à produção gráfica.
Essa interação favorece o desenvolvimento da linguagem oral, da imaginação e da capacidade narrativa, promovendo competências linguísticas, cognitivas e sociais.
Portanto, desenho e fala se alimentam mutuamente, configurando processo integrado de significação, no qual a produção gráfica e a verbalização constroem conjuntamente sentidos e conhecimento.

## IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA RELAÇÃO ENTRE DESENHO E LINGUAGEM

Reconhecer a articulação entre desenho infantil e linguagem verbal implica repensar práticas pedagógicas na Educação Infantil, superando concepções reducionistas que compreendem o desenho apenas como atividade estética, recreativa ou preparatória para a escrita.
O educador deve valorizar não apenas o produto final da produção gráfica, mas, sobretudo, os processos expressivos, cognitivos, comunicativos e afetivos que se manifestam durante sua elaboração.
Nesse contexto, o desenho assume papel central como linguagem da infância, constituindo-se como meio de expressão, investigação, interpretação e construção de conhecimento.
Greig (2008) enfatiza que o desenho funciona como uma extensão do "eu" da criança, configurando-se como espaço de experimentação, expressão subjetiva e comunicação. Por meio dele, a criança externaliza percepções, sentimentos, hipóteses e experiências, elaborando simbolicamente sua relação com o mundo. Iavelberg (2008) acrescenta que a mediação sensível do professor é fundamental para favorecer a autoria infantil, respeitando a intencionalidade, o ritmo e as múltiplas formas de representação da criança. Dessa forma, o papel do educador deixa de ser corretivo ou padronizador, tornando-se mediador de experiências significativas.
A escuta das falas que acompanham o desenho permite compreender hipóteses, intenções, significados e estratégias cognitivas da criança, promovendo práticas pedagógicas mais democráticas, inclusivas e investigativas. Ao ouvir a criança durante sua produção gráfica, o professor amplia sua compreensão sobre os processos internos de aprendizagem, identificando como ela organiza o pensamento, constrói narrativas e atribui sentido às suas representações. Essa postura fortalece o respeito às múltiplas linguagens e à subjetividade infantil, reconhecendo a criança como sujeito ativo na produção de conhecimento.
Nesse sentido, a documentação pedagógica torna-se estratégia relevante, pois registrar falas, narrativas e produções gráficas permite acompanhar processos de aprendizagem de maneira mais ampla e qualitativa. Conforme Lima e Camargo (2021), o desenho associado à fala constitui fonte valiosa de escuta e observação pedagógica, possibilitando interpretações mais sensíveis acerca do desenvolvimento infantil. O registro dessas

experiências amplia a reflexão docente e favorece planejamentos mais coerentes com os interesses e necessidades das crianças.

Além disso, práticas pedagógicas que integram desenho, oralidade, imaginação e interação social contribuem diretamente para o desenvolvimento cognitivo, expressivo, comunicativo e socioemocional da criança. Ao propor contextos em que o desenho seja valorizado como linguagem, o professor promove experiências que fortalecem autonomia, criatividade, pensamento simbólico e competências narrativas. Essa perspectiva está alinhada aos princípios da Educação Infantil previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece as múltiplas linguagens como fundamentais para o desenvolvimento integral da criança.

A BNCC destaca campos de experiência como "Traços, sons, cores e formas" e "Escuta, fala, pensamento e imaginação", reforçando que desenho e linguagem verbal não devem ser trabalhados de maneira fragmentada, mas de forma integrada. Assim, o desenho infantil passa a ser compreendido como experiência de aprendizagem complexa, na qual a criança explora materiais, comunica ideias, constrói sentidos e desenvolve competências fundamentais para sua formação.

Portanto, compreender o desenho como linguagem articulada à fala e ao pensamento reforça seu papel central na Educação Infantil, orientando práticas educativas que respeitam o tempo, a autoria, a criatividade e as formas próprias de expressão da criança. Valorizar essa integração implica promover uma pedagogia mais sensível, investigativa e humanizada, capaz de reconhecer o desenho como instrumento de aprendizagem significativa, de construção identitária e de mediação cultural. Dessa forma, o educador contribui para uma educação que amplia possibilidades expressivas e respeita profundamente a complexidade das infâncias.

## IMAGINAÇÃO, SIMBOLIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO DESENHO INFANTIL

O desenho infantil não se limita à representação literal do real; ele constitui um espaço privilegiado para a imaginação, a simbolização e a construção de sentidos, configurando-se como importante instrumento de desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Por meio do grafismo, a criança transforma experiências concretas em signos simbólicos, reorganizando percepções, memórias e vivências em produções que expressam não apenas o que vê, mas também o que pensa, sente e imagina. Assim, o desenho revela-se como linguagem complexa, capaz de articular realidade e fantasia na elaboração de significados.

Silva (2002) destaca que a imaginação presente no desenho permite à criança experimentar diferentes perspectivas, reorganizar acontecimentos e atribuir novos significados aos elementos que compõem sua produção gráfica. Ao desenhar, a criança não apenas registra informações, mas reelabora experiências, projeta possibilidades e cria narrativas próprias, exercitando sua capacidade de abstração e simbolização. Esse processo amplia o desenvolvimento cognitivo, pois favorece a organização do pensamento e fortalece relações entre representação interna e expressão externa.

A simbolização constitui aspecto central nesse processo, uma vez que o desenho funciona como sistema de mediação entre o vivido e o pensado. Pillar (1996) argumenta que, ao desenhar, a criança constrói representações simbólicas que traduzem sua compreensão sobre o mundo, antecipando conceitos e organizando cognitivamente suas experiências. Dessa maneira, o grafismo infantil torna-se espaço de formulação de hipóteses, resolução de problemas e construção de conhecimento, possibilitando que a criança experimente diferentes formas de interpretação e significação.

Além disso, a imaginação gráfica está profundamente relacionada ao desenvolvimento da criatividade e da autonomia intelectual. Ao combinar elementos reais e imaginários, a criança amplia sua flexibilidade cognitiva e exercita sua capacidade inventiva, produzindo significados que extrapolam padrões convencionais. Derdyk (1989) enfatiza que desenhar é também um ato de criação e descoberta, no qual a criança se apropria simbolicamente de sua realidade, transformando-a em novas possibilidades expressivas.

O desenho, nesse sentido, aproxima-se da brincadeira simbólica, pois permite à criança experimentar papéis, cenários e situações de forma imaginativa.

Assim como no faz de conta, o grafismo possibilita explorar emoções, desejos, conflitos e interpretações, fortalecendo a construção da subjetividade e o desenvolvimento emocional. A produção gráfica funciona como campo de experimentação simbólica, no qual a criança organiza sentimentos, projeta ideias e constrói sentido para suas experiências.
Outro aspecto relevante refere-se à relação entre imaginação gráfica e desenvolvimento da narrativa. Ao desenhar sequências, personagens e ações, a criança articula noções de tempo, espaço e causalidade, desenvolvendo competências fundamentais para a linguagem oral e, futuramente, para a linguagem escrita. O desenho favorece a construção de narrativas visuais e verbais, permitindo que a criança organize acontecimentos, estabeleça relações lógicas e expanda sua capacidade comunicativa.
Para o educador, reconhecer a importância da imaginação e da simbolização no desenho infantil implica adotar práticas pedagógicas que valorizem processos criativos, evitando interpretações limitadas ou padronizadas. Estratégias que promovam liberdade de criação, exploração de materiais diversos e valorização das narrativas infantis favorecem o desenvolvimento integral da criança. O professor, nesse contexto, atua como mediador que incentiva a expressão simbólica, respeitando a singularidade e a autoria de cada produção.
Portanto, a imaginação, a simbolização e a construção de sentidos fazem do desenho infantil uma poderosa ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento. Mais do que atividade artística, o desenho constitui linguagem mediadora de pensamento, emoção e cultura, permitindo que a criança compreenda o mundo, elabore experiências e produza conhecimento. Valorizar essa dimensão simbólica significa reconhecer o desenho como prática essencial na Educação Infantil, fortalecendo processos de aprendizagem significativa, autonomia e desenvolvimento pleno.

## O DESENHO INFANTIL COMO MEDIADOR DE RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS

O desenho infantil ultrapassa a dimensão da expressão individual e configura-se como importante instrumento de mediação social e emocional, possibilitando à criança comunicar experiências, compartilhar sentimentos e estabelecer vínculos com adultos e pares. Ao desenhar, a criança externaliza conteúdos subjetivos, organiza emoções e constrói formas de interação que fortalecem processos de socialização e pertencimento. Dessa maneira, o grafismo infantil assume papel significativo não apenas no desenvolvimento cognitivo, mas também na constituição das relações afetivas e sociais.
Greig (2008) destaca que o desenho oferece à criança um canal de comunicação que vai além das palavras, permitindo que experiências internas sejam representadas simbolicamente e compartilhadas com o outro. Muitas vezes, sentimentos complexos, medos, desejos ou vivências difíceis encontram no desenho uma forma mais acessível de expressão, especialmente em fases em que a linguagem verbal ainda está em consolidação. Assim, o desenho amplia possibilidades comunicativas e fortalece processos de escuta sensível por parte de educadores e familiares.
Nesse contexto, o grafismo funciona como recurso de aproximação entre a criança e seu meio social, favorecendo a construção de vínculos e o reconhecimento mútuo. Ao apresentar seus desenhos, explicar produções ou compartilhar narrativas visuais, a criança participa de práticas sociais de comunicação, negociação de sentidos e validação de experiências. Silva (2002) ressalta que essa socialização por meio da produção gráfica permite à criança compreender múltiplas perspectivas, interagir simbolicamente e construir significados em diálogo com outras crianças e adultos.
A prática pedagógica desempenha papel fundamental nesse processo, pois ambientes educativos que valorizam o desenho como linguagem favorecem interações mais democráticas e inclusivas. Atividades coletivas de desenho, apreciação compartilhada e rodas de conversa sobre produções gráficas promovem cooperação, respeito à diversidade de expressões e fortalecimento de vínculos grupais. Nessas experiências, o desenho torna-se espaço de convivência, escuta e construção coletiva de conhecimento.
Além da dimensão social, o desenho possui importante função na regulação emocional. Por meio dele, a criança pode elaborar sentimentos complexos, como medo, ansiedade, alegria, insegurança

ou frustração, transformando emoções em representações simbólicas que favorecem compreensão e elaboração interna. Ferraz e Fusari (2009) afirmam que a externalização emocional pela linguagem artística fortalece autoestima, autocontrole e reconhecimento afetivo, contribuindo para o desenvolvimento socioemocional integral.

Ao desenhar situações vividas ou imaginadas, a criança experimenta formas de reorganizar experiências emocionais, ressignificando acontecimentos e elaborando conflitos. Esse processo pode ser particularmente relevante em contextos de adaptação escolar, mudanças familiares ou desafios interpessoais, nos quais o desenho funciona como linguagem de apoio emocional e expressão subjetiva.

Outro aspecto relevante refere-se à construção da identidade e do pertencimento cultural. O desenho permite que a criança represente sua família, comunidade, costumes e referências sociais, fortalecendo sua percepção de si mesma como sujeito inserido em determinado contexto histórico e cultural. Dessa forma, o grafismo também atua como mediador da construção identitária, possibilitando reconhecimento de experiências pessoais e coletivas.

Para o educador, compreender o desenho como mediador social e emocional exige uma postura sensível, observadora e acolhedora. Não se trata apenas de analisar aspectos formais da produção gráfica, mas de reconhecer o desenho como manifestação integral da criança, envolvendo cognição, emoção e relações sociais. A escuta atenta das narrativas associadas às produções permite intervenções pedagógicas mais significativas, fortalecendo práticas que respeitam subjetividades e promovem inclusão.

Portanto, o desenho infantil constitui poderosa ferramenta de mediação entre subjetividade, socialização e desenvolvimento emocional. Ao favorecer comunicação, construção de vínculos, expressão afetiva e negociação de significados, o grafismo amplia possibilidades de aprendizagem e fortalece o desenvolvimento integral da criança. Reconhecer essa dimensão social e emocional do desenho implica promover práticas pedagógicas que valorizem não apenas o traço, mas a criança em sua totalidade, respeitando suas emoções, relações e formas próprias de compreender e representar o mundo.

## O DESENHO INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

O desenho infantil desempenha papel fundamental na construção da identidade da criança, constituindo-se como linguagem por meio da qual ela representa a si mesma, interpreta suas vivências e expressa pertencimentos sociais, culturais e afetivos. Ao desenhar, a criança organiza percepções sobre quem é, como se vê e como compreende seu lugar no mundo, produzindo representações que revelam aspectos importantes de sua subjetividade e de seu processo de constituição identitária.

Desde os primeiros registros gráficos, a criança manifesta elementos relacionados à autoimagem, às relações familiares, ao ambiente social e às experiências culturais que a cercam. O desenho possibilita representar não apenas objetos externos, mas também sentimentos, desejos, memórias e referências simbólicas que contribuem para a formação do "eu". Dessa forma, o grafismo infantil configura-se como espaço de elaboração subjetiva, no qual identidade e linguagem se articulam profundamente.

Iavelberg (2008) ressalta que a produção gráfica da criança expressa sua singularidade, sua autoria e suas formas particulares de perceber o mundo. Cada desenho carrega marcas de experiências individuais e coletivas, permitindo ao educador compreender aspectos importantes da trajetória da criança, como vínculos familiares, pertencimento cultural e construção da autoestima. A valorização dessas produções fortalece o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, capaz de produzir cultura e significado.

Além disso, o desenho funciona como importante instrumento para a construção da identidade cultural. Ao representar festas, costumes, práticas familiares, tradições e elementos do cotidiano, a criança registra simbolicamente experiências que reforçam pertencimentos sociais e culturais. Esse processo é especialmente relevante em contextos educativos comprometidos com diversidade, inclusão e valorização das múltiplas infâncias, pois permite que diferentes experiências sejam reconhecidas e legiti-

madas.
Silva (2002) destaca que o desenho infantil constitui prática socialmente mediada, sendo influenciado pelas interações e contextos nos quais a criança está inserida. Assim, a identidade construída por meio do desenho não é apenas individual, mas também relacional, sendo formada em diálogo com familiares, professores, colegas e referências culturais mais amplas. O grafismo torna-se, portanto, espaço de negociação entre experiências pessoais e coletivas.
A construção da identidade por meio do desenho também se relaciona à autoestima e à autoconfiança. Quando a criança percebe que suas produções são valorizadas, escutadas e respeitadas, fortalece sua percepção de competência, autoria e pertencimento. Em contrapartida, práticas pedagógicas excessivamente corretivas ou padronizadoras podem limitar processos expressivos e fragilizar a construção positiva da identidade.
Nesse sentido, cabe ao educador promover contextos em que o desenho seja reconhecido como linguagem legítima de expressão identitária, oferecendo oportunidades para que a criança represente sua história, sua cultura e suas percepções de si. Propostas pedagógicas que incentivem autorretratos, desenhos familiares, narrativas visuais e produções culturais diversas contribuem significativamente para esse processo.
Portanto, o desenho infantil configura-se como importante ferramenta de construção da identidade, articulando subjetividade, cultura, pertencimento e expressão. Valorizar essa dimensão significa reconhecer a criança como sujeito singular, produtor de significados e participante ativo na construção de sua trajetória. Na Educação Infantil, essa compreensão fortalece práticas pedagógicas mais inclusivas, democráticas e comprometidas com o desenvolvimento integral da criança.

## O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS INFANTIS

Na Educação Infantil, o professor desempenha papel central como mediador das múltiplas linguagens da criança, entre elas o desenho, a fala, o brincar, a expressão corporal e outras formas de produção simbólica. Essa mediação exige sensibilidade pedagógica para reconhecer que a aprendizagem infantil ocorre por meio de diferentes formas de expressão, não se restringindo à linguagem verbal ou à transmissão direta de conteúdos.
O desenho, enquanto linguagem complexa e integrada ao pensamento, requer do educador uma postura investigativa e acolhedora. Mais do que propor atividades gráficas, o professor precisa observar processos, escutar narrativas, compreender intencionalidades e valorizar produções infantis como manifestações legítimas de pensamento e construção de conhecimento. Nesse contexto, a mediação pedagógica envolve escuta sensível, documentação, observação e intervenções qualificadas.
Iavelberg (2008) afirma que o educador deve atuar como incentivador da autoria infantil, oferecendo materiais diversifi-i cados, contextos de exploração e experiências que favoreçam criatividade e expressão pessoal. Isso significa abandonar práticas excessivamente dirigidas, modelos prontos ou correções padronizadas, substituindo-as por abordagens que respeitem a singularidade da criança e promovam autonomia.
A mediação docente também implica reconhecer o desenho como oportunidade de investigação pedagógica. Ao observar como a criança desenha, o que verbaliza e quais significados atribui à produção, o professor amplia sua compreensão sobre processos cognitivos, emocionais e sociais. Lima e Camargo (2021) ressaltam que essa escuta amplia possibilidades de planejamento e intervenção, permitindo práticas mais contextualizadas e coerentes com o desenvolvimento infantil.
Além disso, o professor exerce função essencial na promoção de ambientes educativos que integrem diferentes linguagens. A articulação entre desenho, oralidade, literatura, música, movimento e brincadeira fortalece aprendizagens significativas, favorecendo o desenvolvimento integral. Essa perspectiva dialoga diretamente com a BNCC, que propõe experiências integradas e reconhece as múltiplas linguagens como fundamentais na infância.
A documentação pedagógica constitui importante recurso nesse processo, pois permite registrar falas, desenhos e interações, favorecendo reflexão docente

contínua. Ao documentar processos, o professor não apenas acompanha aprendizagens, mas também valoriza trajetórias individuais e coletivas, promovendo maior visibilidade às experiências infantis.

Outro aspecto fundamental é o compromisso do educador com práticas inclusivas e culturalmente sensíveis. Reconhecer múltiplas linguagens significa respeitar diferentes formas de expressão, contextos familiares, identidades culturais e ritmos de aprendizagem, promovendo uma pedagogia que valorize diversidade e equidade.

Portanto, o professor, como mediador das múltiplas linguagens infantis, assume papel essencial na promoção de experiências educativas mais significativas, humanizadas e democráticas. Sua atuação influencia diretamente a forma como a criança se expressa, aprende e constrói significados. Valorizar o desenho e outras linguagens da infância implica reconhecer a complexidade do desenvolvimento infantil e fortalecer práticas pedagógicas comprometidas com autoria, escuta, inclusão e desenvolvimento integral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo evidencia que o desenho infantil constitui uma linguagem complexa, indissociável da fala, do pensamento e da dimensão emocional da criança. Ao desenhar, a criança não apenas expressa traços e cores, mas organiza ideias, constrói significados, simboliza experiências e comunica emoções, estabelecendo conexões entre o mundo interno e o contexto social que a circunda.

Verificou-se que a interação entre desenho, linguagem verbal e pensamento funciona como um processo dinâmico de mediação cognitiva e afetiva. A fala orienta e estrutura o ato de desenhar, enquanto o grafismo promove a ressignificação da linguagem verbal e estimula a construção de narrativas, consolidando o desenho como espaço privilegiado de elaboração simbólica e aprendizagem.

Além disso, os capítulos sobre imaginação, simbolização e mediação social demonstram que o desenho infantil vai além da expressão individual, constituindo-se também como ferramenta de interação, regulação emocional e construção de vínculos. Por meio da produção gráfica, a criança experimenta diferentes papéis, negocia significados com pares e adultos e fortalece competências socioemocionais, cognitivas e criativas.

A compreensão dessas múltiplas dimensões do desenho implica desafios e responsabilidades para a prática pedagógica. O educador precisa assumir postura sensível, observadora e mediadora, valorizando o processo criativo, respeitando a autoria da criança e promovendo contextos de exploração gráfica que integrem imaginação, fala, emoção e interação social. Esse olhar ampliado contribui para práticas pedagógicas mais significativas, inclusivas e humanizadas.

Por fim, reconhecer o desenho infantil como espaço de expressão, mediação e construção de significados reforça a importância de práticas educativas que respeitem o tempo, a linguagem e a subjetividade da criança. Dessa forma, o desenho deixa de ser mera atividade artística para se consolidar como instrumento de aprendizagem integral, capaz de articular pensamento, linguagem, emoção e relações sociais, promovendo o desenvolvimento pleno e a valorização das múltiplas linguagens da infância.

## REFERÊNCIAS


BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

DERDYK, E. Formas de pensar o desenho. São Paulo: Scipione, 1989.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2009.

GREIG, P. A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: Artmed, 2008.

IAVELBERG, R. O desenho cultivado da criança: práticas e formação de educadores. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

LIMA, A. P. C. T.; CAMARGO, E. A. A. A criança fala: o desenho como fonte de escuta e produção artística. Olhar de Professor, v. 24, p. 1–22, 2021.

PILLAR, A. D. Desenho e escrita como sistemas de representação. Porto Alegre:

Artes Médicas, 1996.

SILVA, S. M. C. A constituição social do desenho da criança. Campinas: Mercado das Letras, 2002.